

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTOR

1.^a SERIE

NUMERO 3

GERENTE

DELFIN DE NORONHA

LISBOA 15 DE JANEIRO DE 1881

HENRIQUE ZEFERINO

Remettemos a nossa revista a todas as folhas periodicas, pedindo a troca, sentindo que algumas não só não tenham accedido ao nosso convite, como nem sequer accusassem a recepção da nossa folha.

CHRONICA ALEGRE

FIASCOS E SUICIDIOS

A *conspiração das cousas*, como diria Hugo no seu estylo convulsionado e apocalyptic, parece tramar na sombra para que o terceiro fasciculo das *Ribaltas* tenha em vez de uma *chronica alegre*, uma *chronica triste*!

A chuva goteja lentamente infiltrando nas paredes a humidade viscosa do caracol e embrulhando as almas na melancolia idiota do *spleen*.

O sol, talvez em virtude da humilhação a que o submetteu a empreza do Principe Real, representando-o sob a figura de um cypreste côr de abobora menina, (vide. actor Torres, *Revista de Sousa Bastos*) desertou do nosso hemispherio!

O Chiado, perdão! a rua Garrett, (adoptemos o titulo moderno) o Chiado (desculpe-nos o sr. Francisco Gomes de Amorim, mas d'esta vez exige-o a sonoridade do periodo) mollemente sepultado na lama, apresenta o aspecto ignobil de uma estrumeira, absolutamente defesa ao *pedibus calcantibus* de um pobre racional!

E no espaço que separa o ceo sujo, despenhando aguaceiros successivos que se contorcem no vacuo como grandes chicotes, fustigando os vidros e alagando as ruas, e o asphalto negro e escorregadio, exhalando um cheiro acre de carvão molhado, fluctuam dois espectros lividos, dando-nos, fundidas em uma correlação angustiosa, a nostalgia do azul, proveniente d'estes dias londrinos, e a sensação do terror.

São elles o *Fiasco* e o *Suicidio*!

Da penumbra da semana resaltam dois conflictos.

Tres fiascos e dois suicidios.

Em compensação do interesse mediocre que nos despertam os primeiros, sentimos todas as sensibilidades da nossa alma acordarem em presença dos segundos.

Um marujo inglez, um pobre diabo alcoolizado, abeberado em *gin*, atirou-se, ou atiraram-o, do alto do paredão da rua Formosa — uma rua evidentemente propensa aos lances dramaticos — e appareceu morto, na calçada transitada pelos cães vadios e pelos gatos lubricos.

Na rua do Sacramento, á Lapa, a rua do *fashion* britanico, habitada pelos inglezes ricos e pelos capitalistas opulentos, o sr. Thomaz da Costa Ramos, sogro do sr. conde de Casal Ribeiro, plenamente no seio do luxo asiatico comprado com os milhões arrancados ao torrão uberrimo do Brazil, queimou os miolos com um tiro de revolver!

Entre o inglez obscuro que succumbe em terra estranha, longe da familia, sem que haja no meio da multidão indifferente que se agrupa em torno do cadaver, uma voz que o lamente e uma lagri-

ma que o chore, entre esse marujo que morre miseravelmente, victima da embriaguez ou do roubo, e o argentario, concentrado nos tedios do superfluo, como um ananaz em uma estufa, cançado da vida porque não houvesse n'ella perspectivas novas, e descrente do dinheiro, que lhe comprara todas as saciedades, coroando-lhe todas as ambições; mettendo, á ultima hora, uma bala na cabeça em vez de fundar um asylo ou de crear uma escola, que lhe convertesse as pungentes agonias do desencanto no grande e saudavel jubilo das consciencias que se purificam ao calor da felicidade alheia, — toda a nossa compaixão é para o primeiro.

A par d'este suicidio, realizado em condições extraordinarias, em um scenario anti melodramatico, com exclusão do fogareiro tradicional e dos fosforos legendarios, a chronica tem de registrar a dedicação sublime de um obscuro filho do povo, atirando-se ao mar, exactamente no periodo em que todos se precipitam nos braços de um *fauteil* macio, entre a crepitação morna de um fogão reparador. Foi elle arrancar ao seio das ondas, não um capital solidamente garantido, mas sim um pobre e desgraçado velho, desvaivado pela fascinação do suicidio, convertendo por esse facto um crime, que rebaixa a dignidade humana, em uma bella acção heroica que a nobilita!

DELFIN DE NORONHA.

BIBLIOGRAPHIA

Do grande romancista, o sr. Camillo Castello Branco, recebemos os dois artigos, a que damos immediata publicidade, sendo um a transcripção do folhetim do sr. Alexandre da Conceição, inserta no n.º 2 do *Seculo* e o outro a resposta do auctor do *Eusebio Macario*, resposta que sendo enviada em primeira mão para a nossa Revista significa um favor singular, que agradecemos ao eminente escriptor, nosso presadissimo amigo e mestre.

A CORJA

(CONTINUAÇÃO DO EUSEBIO MACARIO)

POETAS E RAÇAS FINAS

POR

Camillo Castello Branco

Appareceu a annunciada *Corja*, romance do sr. Camillo Castello Branco em continuação do *Eusebio Macario*.

Ambos estes trabalhos litterarios tem por intuito confessado lançar sobre a escola realista, de que é representante em Portugal o sr. Eça de Queiroz, todo o ridiculo e todo o descredito que as pessimas cousas e as pessimas acções merecem ás consciencias fortes.

É deploravel que o sr. Camillo Castello Branco, cujo talento litterario e cuja elevação artistica são de primeira ordem, se tenha n'este assumpto deixado obsecar pelas suas pequenas vaidades de seita até ao ponto de ter do auctor do *Primo Bazilio* sómente esta estreita comprehensão: de que é apenas um romancista ridiculo!

Causa verdadeira lastima ver um escriptor de raça, como o sr. Camillo Castello Branco, levado pelas preocupações de escola e pelas apprehensões de uma rivalidade mesquinha e hypothetica, collo-

car-se á frente de todos os ineptos e de todos os imbecis da baixa litteratura dos nossos noticiarios, para dirigir contra um escriptor nacional de um singular talento e de uma elevada intuição artista, uma cruzada lastimosa e menos de ridicula.

Mette dô vèr um gigante que fixou em livros immorreddoiros toda a comedia portugueza contemporanea, descer do seu alto pedestal de gloria para se entreter infantilmente a matar moscas de parceria com os cretinos do nosso jornalismo barato.

Se não ha n'esta queda um phenomeno de regressão ou de estacionamento mental, que a psycho-physiologia moderna tenta já explicar em diversos exemplos, de que a historia da arte e do saber conserva o luto, ha, peor do que isso, uma ignobil exploração mercantil do mau gosto e da ignorancia do publico portuguez, exploração a que entendiamos que o animo fidalgo do sr. Camillo Castello Branco se não prestaria.

A *Corja* é, como romance, uma banalidade suja e como critica do realismo um esgare grotesco e lastimoso. O livro vale pela primeira parte — *Poetas e raças finas* — uma colleção de biographias litterarias e de estudos sobre historia patria feitos com talento e consciencia.

Até, porém, n'estes estudos o sr. Camillo Castello Branco revela o seu velho azedume rabugento e aggressivo contra os melhores talentos da moderna geração de escriptores portuguezes, e particularmente contra o sr. Theophilo Braga, a quem nega *toda a auctoridade moral!*

É deploravel este desvairamento n'um tão fino espirito.

Que o sr. Theophilo Braga seja por vezes, em assumptos de critica historica, um pouco phantastico e precipitado, que, como confessado positivista, esteja muitas vezes em contradicção com os principios fundamentaes da philosophia que diz professar, architectando theorias e assentando generalisações sobre factos que não auctorizam scientificamente taes ampliações, concedemos e parece-nos até esta a opinião mais segura acerca dos defeitos do sr. Theophilo Braga, defeitos que tem facil attenuante na immensa actividade productiva d'este escriptor, nas qualidades do seu temperamento nervoso e inquieto e na obscuridade que cerca muitos dos problemas da nossa historia litteraria, que elle heroicamente tem procurado resolver e aos quaes falta na sua maioria a elucidacão de trabalhos anteriores; mas negar-lhe toda a auctoridade moral, quer dizer negar-lhe talento, estudo, reflexão, competencia. enfim, não é fazer critica é fazer bilis, e os livros não são receptaculo para taes productos do organismo.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

Nota ao artigo supra do sr. A. da Conceição.

Uma prodigalidade de adjectivos bons e sonoros com que o sr. Alexandre da Conceição recheia alguns paragraphos do seu artigo critico, é um ardil rhetorico tão sedico quanto engenhoso.

Elle descamba abruptamente nas indelicadesas e nas inexactidões.

Assevera o critico que eu, no *Eusebio Macario*, tive por intuito confessado a pretencão de lançar o ridiculo sobre a escola realista. O sr. Conceição de certo não pôde citar phrase minha que o justifique.

Assevera que eu me deixei obsecar (queria talvez escrever obcecar) por pequenas vaidades de seita até ao ponto de ter do auctor do *Primo Bazilio* sómente esta estreita comprehensão: *de que é apenas um romancista ridiculo*. Não me conformo indifferentemente com esta aleivosia, por que admiro e releio os romances do sr. Eça de Queiroz.

No *Cancioneiro alegre*, pag. 11, digo do *Primo Bazilio*: «o romance mais doutrinal que ainda sahiu dos prelos portuguezes.» Doutrinal, escrevi como synonymo de moralisador. Em minha consciencia intendo que se já houve livro que podesse e devêsse salvar uma mulher casada, na aresta do abysmo, é o *Primo Bazilio*. O sr. Eça de Queiroz fez esse raro milagre porque pintou o vicio repulsivo e nojento. As mesmas delicias do delicto emporcalhou-as, pondo as angustias paralellas com as torpezas.

No *Prefacio* da segunda edição de *Eusebio Macario*, escrevi: «Cumpro-me declarar que não intentei ridiculisar a escola realista. Quando appareceram o *Crime do Padre Amaro*, o *Primo Bazilio* e os romances de Teixeira de Queiroz, admirei-os e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiracão. Creio que hoje em dia novella escripta d'outro feiio não vinga.»

Isto não me parece que seja, na affirmacão leviana do sr. Conceição, considerar o sr. Eça de Queiroz um romancista ridiculo. Com inexactidões d'esta especie não é que o sr. Alexandre ha de fazer respeitavel a sua auctoridade, n'uma idade em que a madureza dos annos já não lhe desculpa as verdes ligeirices.

Assevera que eu negára ao sr. Theophilo Braga toda a auctoridade moral. Isto é falso. O que eu formulei no meu artigo *Gil Vicente*, fundamentando o asserto, foi que o sr. T. Braga não tinha auctoridade historica. Com inexactidões desta laia é que se perde a auctoridade moral; com a errada comprehensão da historia apenas se arrisca a auctoridade scientifica. A ignorancia é um predicado congenial e pôde ser inoffensivo; a calunnia é uma arteirice violenta, e nunca deixa de ser malevola.

O sr. Conceição diz que a *Corja* é uma banalidade. Pois que outra cousa hade ser a minha novella se não uma frioleira? O meu romance não tem o desvanecimento de avantajarse ás «banalidades» da sua especie. É com effeito uma bagatella risonha que não hade augmentar o numero dos tolos, nem tão pouco estorvar que a luz do sr. Conceição penetre as camadas escuras que envolvem a ignorancia publica. Nem os futuros livros scientificos do sonoro poeta sr. Conceição, nem os meus romances banaes hão de acrescer nem diminuir o numero dos parvos, a *incommensuravel maioria*, como diz o philosopho Schopenhacer. Acho de uma grande verdade aquillo de Voltaire: *Nous laisserons ce monde-ci aussi sot et aussi méchant que nous l'avons trouvé en y arrivant.*

Não só banalidade, diz o sr. Conceição do meu romance, — mas banalidade suja

Comprehende-se que as impudicicias da *Corja* manchassem o pulchro arminho do sr. Conceição, demasiadamente pudendo e donzel em annos pouquissimos virginaes. Respeito o seu casto enjo, e sinto muito haver-lh'o posto á prova de engulho. Isso é raro e é bonito n'um engenheiro, cuja verecundia, se tem explicacão, deve ser a da sua cohabitacão com a Natureza san, florestal, não gafada das podridões que verdejam nas minhas novellas. Eu não formava uma ideia tão cristalina da candura do sr. Conceição. Ha o que quer que seja n'este pudor anachronico, — uma intimidade organica, sympathica com o seu appellido um tanto mystico, de sacristia — da *Conceição*. Dá-me vontade, depois desta sua aversão ao sujo, ao despeitorado, á deshonestidade da *Corja*, pedir-lhe que se assigne *Alexandre da Conceição Immaculada*.

Parece deplorar-me; reccia que o meu livro seja um phenomeno de regressão ou estacionamento mental. Outro sentimento bom como appendice ao pudor. Obrigado pela sua commiseracão. Se estas linhas vão confirmar o seu ingrato diagnostico, ahí as tem.

S. Miguel de Seide, 13 de janeiro de 1881.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

*
* *

Annuncia-se para breve a publicação do segundo volume da *Historia da musica na antiguidade*, devido á penna erudita de Geavert, director do Conservatorio de Bruxellas.

*
* *

Recebemos uma brochura de 48 paginas, escripta pelo sr. Silva Vianna e publicada sob a epigraphe *Decadencia da arte dramatica em Portugal*. O opusculo, escripto em linguagem fluente, contém reflexões profundamente sensatas acerca da arte dramatica e da influencia, perfeitamente contraproducente, que ella exerce sobre a imprensa. O sr Vianna, como frequentador assiduo das casas de espectaculos, põe o dedo em muitas affecções organicas dos bastidores, que passam desaperecidas para o vulgo.

O auctor do folheto lastima-as, indigna-se e censura aquelles que contribuem para tornal-as uma enfermidade chronica; suggere

alvitre excellentes para debellar o mal, e merece por isso o louvor que de fôrma alguma lhe regateamos.

Creia, porém, que perde o seu latim e que a doença a que se refere pertence ao numero das doenças incuráveis, para as quaes não existe, pelo menos em Portugal, therapeutica possível.

*
* *

Sairam a publico os dois primeiros numeros da *Chronica Moderna*, excellente revista critica illustrada, dirigida por Gervasio Lobato e editada por João Antonio de Mattos.

São collaboradores da *Chronica Moderna*, um bello hebdomadario de 16 paginas interessantissimas, as pennas mais festejadas da nossa litteratura.

*
* *

Recebemos de Paris o 1.º numero de um brilhante jornal de modas, dirigido pela illustre escriptora hespanhola, D. Faustina Saez de Melgar, intitulado *Paris charmant*. É uma publicação luxuosa, redigida com escrupuloso esmero e destinada a fazer a propaganda de todas as finas elegancias e de todas as sérias utilidades do *ménage*, inherente á existencia de uma senhora. Saudamos jubilosos a apparição do *Paris charmant*, impresso simultaneamente em francez e hespanhol, e transcreveremos para a nossa revista alguns dos seus artigos, verdadeiramente encantadores. Recebem-se assignaturas para o *Paris charmant* na livraria Zeferino, rua dos Fanqueiros, 87, e em Paris, rue Montmartre, 117 e 119.

*
* *

Chega-nos de Pernambuco um volume, nitidamente impresso, com o titulo, *O centenario de Camões em Pernambuco festas promovidas pela directoria do GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA*, ácerca do qual fallaremos mais de espaço.

Recebemos igualmente o *Relatorio apresentado á assembléa geral do gabinete portuguez de leitura*, em Pernambuco, pela directoria do mesmo, em 10 de outubro de 1880. O relatorio, habilmente colligido, destina as primeiras paginas á commemoração do centenario. Demonstra o estado florescente do GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA, de Pernambuco, que conta entre os seus associados quasi todos os escriptores portuguezes, francezes e hespanhoes e ao qual tem a honra de pertencer ha muito a pessoa que escreve estas linhas.

ATRAVEZ DO BINOCULO

Theatro de S. Carlos

ROBERTO DO DIABO, opera em 3 actos de Meyerbeer.

O *Roberto*, a grande musica que fez as delicias de nossos avós e que continuará a deliciar o ouvido dos nossos filhos, até á quarta ou quinta geração, foi um verdadeiro triumpho para o theatro de S. Carlos.

Estreiu-se no *Roberto* o baixo David, uma bella voz sonora e extensa, manejada com a sciencia de quem conhece a fundo os segredos melódicos.

Borghi-Mamo, esse astro radioso que ascende ao zenith da gloria, interpretou admiravelmente a parte de Alice, illuminou-a com todos os prestígios do seu bello talento artistico e deu-lhe todas as finas cambiantes, todas as harmonias velludosas da sua voz formosissima.

Toresella brilhou tambem no primeiro plano e partilhou, com justiça, as ovações acordadas pelo *Roberto*, que deram á sala, habitualmente fria, uma nova temperatura de entusiasmo.

Fancelli cantou magistralmente e chegou a ter lampejos de paixão, o que em relação ao feito do illustre tenor constitue um milagre.

Theatro da Trindade

A TRADIÇÃO DE MONTIGNAC, ópera comica em 4 actos, traducção de Leoni.

Momento homo!

Theatro do Gymnasio

A SEGUNDA MOCIDADE, comedia em tres actos de Marió Uchard, traducção de Gervasio Lobato, os ANOS DO MENINO, em 1 acto original de Maximiliano de Azevedo.

Pax sepullis!

Theatro do Principe Real

Revista do anno de 1880, comedia de grande espectaculo, em 3 actos e 1 prologo, original de Sousa Bastos.

Não ha peças como estas para levar gente ao theatro!

Ora, se partirmos do principio que as melhores peças são aquellas que mais receitas produzem, teremos de proclamar as *Revistas* como o ideal da arte dramatica.

Francamente, porém, parece-nos que entre muitas cousas, de varios feitos e procedencias, que figuram nas *Revistas*, essa especie de lanterna magica nos vidros multicores da qual vem reflectir-se os successos do anno, é exactamente a arte que lá não está.

Não quer isto por modo algum significar que não seja necessario uma grande habilidade, e sobre tudo muita graça e muita espontaneidade para apresentar de relance os factos do anno na sua fase mais comica, para criticar a proposito e vibrar a tempo uma replica mordaz, susceptível de accender na platéa um rastilho de gargalhadas.

Antes demanda este genero de trabalho um sem numero de requisitos e especialmente a sciencia do theatro, o segredo de armar ao effeito, interessando o auditorio e não deixando nunca esfriar a temperatura quente da expectativa, espicaçada pela curiosidade de ver esta e aquella calva, de rir a proposito d'este ou d'aquelle Achilles que descobre inesperadamente o calcanhar, varado pela frechada do ridiculo...

E tanto assim é, que mais de um homem de letras tem naufragado á vista do porto...

Sousa Bastos deve pelo contrario ás representações das *Revistas* as maiores alegrias, os mais amplos successos da sua carreira de auctor.

Cada uma d'essas peças é um acontecimento.

Os jornaes annunciam-n'a com antecedencia de mezes, os cartazes negaceiam, atormentando a anciedade publica com transferencias successivas. Nas familias lava um alvoroço sem precedentes. As esposas põem as suas *malinées* de rendas finas e lavadas e os seus mais doces sorrisos e á mesa, entre o queijo e a pera, sugerem, disfarçadamente, o alvitre de que não haja modo de deixar de ir ao Principe Real ver a *Revista*.

—Os pequenos—diz a cara metade, trocando um olhar capcioso com os ternos penhores—os pequenos estão mesmo doidinhos!

As filhas experimentam de repente uma recrudescencia de amor filial. Applicam-se a adivinhar os pensamentos do papá, nutrido a esperanza de que elle pela sua parte adivinhe que ellas desejam ir ver a *Revista*, a *Revista* que o primo folhetinista descreveu de maneira a não haver modo de uma pessoa lhe resistir!

A nova *Revista* de 1880, se é inferior ás suas antecessoras no que propriamente constitue o distinctivo d'estes espectaculos, isto é a satyra manejada de fôrma que corrija alegrando o espirito e critique sem fatigar a attenção com discursos empolados, em compensação leva-lhe vantagem na *mise-en-scène* que é por vezes deslumbrante!

O prologo cuja acção corre em pleno firmamento, entre o sol e a lua, seguidos de um cortejo de estrellas, sufficientemente feias, dando-nos na ausencia de seus attractivos a explicação cabal da phrase, aparentemente enigmatica, *ver as estrellas* que soltamos

sempre que um fiel patife nos piza os callos, mas luxuosamente despidas, esse prologo onde ha o bonito côro das pennas, excellentemente cantado, distinguindo-se n'elle, como em tudo o mais, a actriz Pepa, é verdadeiramente digno de menção.

O fato da actriz Pepa é elegantissimo e de uma opulencia inteiramente fóra do commum em relação a um theatro de segunda ordem. Luiza Candida e Elvira apresentam tambem dois *costumes* bonitos e dispostos com apurado gosto.

Depois do côro das pennas, que obteve um successo, o trecho de musica mais applaudido foi o lundum brasileiro, cantado com immensa graça pelo actor Costa e repetido pelo côro.

Costa reproduziu fielmente o typo do brasileiro, um verdadeiro achado, o principal elemento comico da *Revista*.

Pepa apresentou nos dois ultimos actos um *travesti* elegante e embora em papeis de pequena responsabilidade, cantou e representou com superior habilidade.

Escrevemos as nossas impressões da *Revista* sem nenhuma especie de coordenação, tal qual ellas nos occorrem; e afinal de contas talvez seja esta a unica maneira de fazer a critica de um genero de peças que não teem nexos, nem unidade, nem logica.

A *Revista de 1880* não despensa infelizmente para ella, o molho de pasteleiro da scena representada entre a platéa e os camarotes. Este anno, porém, a supracitada scena é simplesmente absurda, para não lhe chamar outra coisa mais feia: parece-nos que o auctor lucraria fazendo uma incisão e arrancando-a como se arranca um kysto!

O ultimo acto, que é por ventura o mais fraco, no ponto de vista do effeito humoristico, chama ao palco uma quantidade espantosa de comparsas, parte dos quaes trazem pendões contendo annuncios de estabelecimentos.

Ouvimos na platéa vagos protestos contra essa exorbitação do annuncio, introduzido como personagem e aproveitado como situação.

Ah! meu caro indigena, como tu estás longe de saber o que o annuncio é em França, em Inglaterra e especialmente nos Estados Unidos!...

Guardámos de proposito para o fim o applauso caloroso que devemos ao bello panorama das margens de Lisboa, pintado por Machado e Lambertini.

Lisboa, com as suas formosas collinas, recortando a linha ondulante e caprichosa dos telhados juxtapostos e desenrolando-se em graciosos curveteados até mergulhar no espelho claro e limpido do Tejo, deslisa serenamente perante o nosso olhar maravilhado. Por vezes, o pincel dos illustres scenographos accende-se, o traço adquire um poderoso relevo naturalista e do fundo da tela resalta animada e viva a paizagem, com o doce marulhar das ondas beijadas pelo sol meridional e com a vibração fremente e alegre da multidão que passeia no atterro, das fabricas que proclamam os progressos da industria desenrolando na atmospheria luminosa o seu penacho de fumo e dos barcos que sulcam o rio, ondulante e calmo.

Um bravo aos dois illustres pintores, que o publico chama todas as noutes, testemunhando assim o apreço que lhe merece esse formosissimo trabalho.

GIOMAR TORREZÃO.

CARTEIRA DE UM PHANTASISTA

PEPA

No mar dos teus olhos bellos
Vae boiando a flôr sensual
Dos alegres *ritornelôs*
Da tua voz de metal,

Que se um usurario a vira
A guardara em seu thesouro,
Bem como o mais fino ouro
Dos dobrões porque delira.

.....

Um dia, um padre severo,
(Que o Papa não saiba isto)
Deixou mesmo o proprio Christo
Pr'a acompanhar-te um *bolero*.

E eu, que não sou deshonesto,
Nem capaz d'um *caso feio*,
Sinto o desejo modesto
D'acompanhar-te a passeio.

ALMAVIVA.

PERFIS CONTEMPORANEOS

A CIDADÃ AUCLERT

A apostola moderna das reivindicações femininas reside em Paris, na rua Cail, n.º 12.

No terceiro andar depara-se-nos um letreiro oval, que lembra os rotolos das Companhias de seguros, contendo estas palavras: — *Sociedade do direito das mulheres*. É quarta feira, dia de reunião. Derimlim, derimlim!

A presidente da sociedade vem pessoalmente abrir a porta e introduz a gente em um pequeno aposento rectangular, cuja mobilia primitiva exhala uma vaga atmosfera de sacristia: sobre o fogão, o busto da Republica, de Courbet; à direita, uma mesquinha bibliotheca, onde se accumulam desordenadamente um sem numero de brochuras multicores; o retrato de George Sand espetado na parede com um alfinete e varias caricaturas de jornaes burlescos, allusivas á heroina; um pequeno lume sem chammãs crepita no fogão.

Alguns intimos chegaram e conversam em voz baixa; como se estivessem na igreja. communicam reciprocamente os factos da semana que dizem respeito á Sociedade; em seguida dão a lér a mademoiselle Auclert a noticia de um jornal annunciando o seu casamento com um empregado do caminho de ferro do Norte: ella ri em voz alta e replica: «E a decima vez que os jornalistas me casam!»

As campainhadas retinem, os adeptos dos dois sexos chegam uns após outros e dividem-se em grupos sympathicos; todos apertam as mãos, tratando-se por cidadãos, cidadãs.

Temos primeiro o cidadão P., face pallida, emmoldurada em uma floresta de barbas amareladas; é intimo da casa, é uma das mais solidas columnas do pequeno templo; segue-se o cidadão B., trajando a blusa do operario, cabellos desgrenhados, olhar inflamado de crenças na causa a que pertence, uma especie de Agricola do *Judeu errante*; ha mais a cidadã K., baixa, magra, pallida, typo meridional, fortemente caracterizado; a cidadã J., velha *coquette*, elegantemente vestida, com caracoés á Sevigné, olhos brilhantes como brasas, mystica, fervorosa, acreditando no Zuavo Jacob, nas suas pompas e nas suas obras; o cidadão G., advogado sem causas, que fareja um degrau qualquer mediante o qual alcance ser visto; e por ultimo, porteiros, porteiras e parias dos dois sexos.

Achando-se na sala um numero sufficiente de pessoas, abriu-se a sessão, seguindo-se as praxes habituaes, e a leitura do regulamento que contém, entre outras cousas singulares, o artigo seguinte: «Os membros da Sociedade, unidos fraternalmente para um fim commum, excluem a maledicencia e as palavras aggressivas.»

A senhora Auclert assume a presidencia: séria, no seu austero vestuario de quaker, lê pausadamente, com inflexão de pregador; toda a sua pessoa exhala um perfume de seminario e de convento: voz unctuosa, pequenos sorrisos reprimidos, gestos discretos. Não é bonita, tambem não é completamente feia; pertence ao numero das mulheres de quem, physicamente, não se diz nada.

O ruido que se fez em torno do seu nome, surpreendeu-a primeiro e incommodou-a; mas, impellida para o caminho da celebridade, entendeu que não devia recuar; na plena posse da aureola que conquistou inconscientemente, vulgarisa-se pouco e professa pelos jornalistas um horror instinctivo. Sempre que a senhora Auclert diz de alguém: «É um jornalista!» lavrou, no seu fóro intimo, a condemnação de um homem.

Sob a mascara official de emancipadora, é provavel que se occulte a mulher caçada de esforços impotentes e quasi convicta da inanidade das reivindicações por parte do pequeno grupo heterogeneo de que ella é sacerdotisa.

Evidentemente superior áquelles que a rodeiam, ella domina e dirige a discussão, procurando sempre conduzi-la para a questão positiva e denotando uma contrariedade visivel quando os proselytos pronunciam discursos idiotas e caem em lacunas irrisorias.

Mas, voltemos á sessão.

A velha pretenciosa célebra, com impetos de jubilo, o voto pronunciado pela Assembléa: tendente a conceder ás mulheres commerciantes o direito de eleição para juizes do tribunal de commercio.

A cidadã K..., delegada do *Direito das mulheres* no congresso do Havre, faz o relatorio da sua esteril missão: tendo julgado do seu dever alliar-se aos dissidentes da sala Franklin, aos que passavam como subsidiados do opportunismo e do seu chefe, recebera uma carta dos puros da *União federativa* declarando á Sociedade que a cidadã K... não podia continuar a pertencer á mencionada união.

Elevou-se a este respeito um terrivel combate oratorio: a delegada, que não quer sob nenhum pretexto retroceder no caminho encetado e que é de opinião que os direitos das mulheres tanto podem ser protegidos por um governo monarchico como pela anarchia revolucionaria, tem de repellir os ataques violentos do feroz B. .; a discussão azeda-se, todas as cidadãs porteiras fallam ao mesmo tempo, e a presidente só com muita difficuldade consegue restabelecer o socego e apresenta á votação, a despeito de varios protestos, a moção seguinte:

«A Sociedade do *Direito das mulheres*, querendo conservar a sua autonomia, afasta-se completamente da discussão dos principios para occupar-se exclusivamente da emancipação da mulher.»

Direito das mulheres, toma sentido!

Arrojar-te-hão ás faces o epitheto de reaccionario, e será essa a morte sem rhetorica para os implacaveis dos grupos socialistas.

Mas, illogismo suprehendente! a Sociedade propõe em seguida que se mande uma deputação á célebre Luiza Miguel, para lhe pedir que preste o concurso das suas apocalypticas declamações á proxima sessão publica da sala Chaynes: um assistente pronuncia a proposito uma phrase desgraçada:

«É preciso convidar Luiza Miguel para termos concorrência; o que é pena é que ella se tenha vulgarisado tanto!»

A senhora Auclert suffocou com um gesto autoritario esse grito espontaneo que traia as preocupações mercantis da sociedade.

A doce regalia de adormecer, acalentado pela facundia oratoria das emancipadas, paga-se a razão de cincoenta centimos por cabeça, revertendo o producto das entradas a beneficio da caixa social.

São onze horas; terminou a sessão.

Cidadãos e cidadãs retiram-se lentamente, sempre divididos em grupos sympathicos, e encaminham-se para os seus respectivos leitões, esperando a futura quarta feira que deverá de novo reunil-os para o exercicio da sua innocente tarefa.

DOMINÓ PRETO.

A CARTEIRA DE PRUDHON

Um escriptor muito conhecido convidou para jantar um collega, que lhe fazia as peores ausencias.

—Pois tu offereces de jantar a um homem que te calumnia? perguntou-lhe alguém.

—Offereço, respondeu o litterato; como não posso fechar-lhe a bocca, encho-lh'a!

Um advogado exalta as vantagens da sua profissão.

—Oh! se soubessem o jubilo que experimento sempre que os meus clientes ganham o processo e posso dizer:—É a mim que o devem!

—E quando o perdem?

—Consolo-me reflectindo:—Foi a mim que o pagaram!

No tribunal:

—Diga, réo, porque maltratou o porteiro da casa onde foi preso, batendo-lhe e deixando-o em estado lastimoso?

—Eu lhe digo, sr. juiz: é que ao entrar li na porta: «É prohibido entrar sem bater» e então... bati!

Medicina mundana.

Minha senhora, diz o doutor Clarimundo, depois de tomar o pulso de uma doente, moça e formosa, é indispensavel que se resigne durante um dia a representar um papel de sensação em um conflicto dramatico.

Espanto da baroneza!

Mas, minha senhora, accrescenta o amavel Esculapio, creio que não ha nenhuma outra formula delicada para lhe dizer que precisa transpirar.

THEATRO ESTRANGEIRO

Inaugurou-se em Roma um novo theatro, construido segundo todos os processos da architectura moderna e decorado com extraordinaria magnificencia. A nova sala de espectaculos, situada entre as ruinas Firenze e Torino, tomou o nome do seu proprietario, intitulado-se por esse facto *Theatro Costanzi*.

*
* *

Vai representar-se em Londres, no theatro *Her Majesty*, um novo drama de Tito Mattei, o autor da *Maria de Gand*.

*
* *

A Scala reserva para o carnaval a primeira audição do *I. Figliuol Prodigio*, do maestro da *Gioconda* e *Promessi Sposi*.

*
* *

Os theatros de Verme e Turim annunciam uma serie de peças novas: *Dora*, de Guerrero, *Abeilard e Heloisa*, de Dominicetti, *Regina di Nettal*, de Bopesini, *Melusine*, de Grammann.

*
* *

Para o novo theatro de Napoles estão promettidas 4 operas novas: *Dianna*, ou *La fata di Pozzuoli*, de Petrella, *l'Ercole III*, de Buonomo, a *Arabella*, de Nardis e a *Ignez*, de Parmain.

*
* *

Villafiorita, um autor italiano muito festejado, acaba de concluir dois dramas novos que se representarão no proximo carnaval, o primeiro em Rimini, o segundo, em Ancona. Intitulam-se o *Pària*, e a *Noite romana*.

*
* *

Paulo Ferrari, o grande dramaturgo italiano, autor do *Suicidio*, actualmente em ensaios no theatro dos Recreios, escreveu uma peça nova que as plateias italianas esperam com alvoroço. Intitula-se o *Bandido*.

*
* *

O maestro Kretschmer obteve um extraordinario successo em Dresde com a sua nova opera, *Henrique o leão*. O estylo musical do notavel compositor estabelece um termo medio entre a eschola de Meyerbeer e a de Wagner.

O exito é tanto mais para admirar quanto é certo que o spartito de Kretschmer foi precedido pelo *Orfeo* de Gluck.

RUMORES DOS PALCOS

Realisa-se amanhã, 17, no theatro de D. Maria, o beneficio da actriz Falco, uma actriz de grande futuro. Sob a scena o drama

João Thommeray, de Angier e Sardou, traduzido por Pinheiro Chagas, cujos principaes papeis serão interpretados pela beneficiada e por João Rosa, Augusto Rosa, Antunes, etc. O scenario é novo e pintado por Lambertini, Machado e Manini.

*
* *

Pinto Bastos, um excellente character e um empresario de quem todos se recordam com saudade, realisa o seu beneficio em a noute de 25 do corrente no theatro do Principe Real. Tomam parte no espectáculo os actores José Carlos dos Santos, Antonio Pedro, Taborada e outros e as actrizes Emilia Adelaide, Emilia das Neves e muitas outras.

É inutil recommendar um beneficio que tem no nome popularrissimo de Pinto Bastos e no dos artistas que enfloram a sua festa a mais eloquente de todas as recommendações.

*
* *

A actriz Beatriz, do theatro do Gymnasio fez beneficio em a noute de 10. O espectáculo escolhido para essa noute constou das comedias—*A segunda mocidade*, de Mario Uchard, traduzida por Gervasio Lobato e *Os annos do menino*, original, em um acto de Maximiliano de Azevedo. Ambas cahiram estrondosamente. Sentimos.

*
* *

A nova opera *Harold de Wiking*, do maestro escandinavo Hallen, alcançou tambem um grande exito.

*
* *

Será em breve exposta ás provas publicas a recente composição da *signora Grandval, la Figlia di Giairo*, que obteve o premio Rossini.

*
* *

Massenet compoz, sob o titulo de *Werther*, um novo spartito destinado á opera comica de Paris.

*
* *

O maestro hespanhol, Reparaz, concluiu uma partitura que será cantada sob a denominação de *D. Rodrigo Calderon*.

*
* *

Erkel, maestro hungaro, escreveu para a inauguração do novo theatro de Buda Pest uma opera intitulada *Szt-Istva*.

Offerecemos um doce a quem decifrar o enigma do titulo!

*
* *

O maestro da *Regina di Saba* concluiu um novo spartito, a que deu o titulo de *Stramero*.

*
* *

O theatro de S. Carlos, de Napoles, abrirá a estação do carnaval com a *Aida*.

*
* *

O grande pianista, Salvador Cageggi, deu um concerto na sala Dante, em Roma, obtendo uma calorosa ovação.

*
* *

A Companhia Frigerio-Lupi, que representou em Lisboa, nos theatros do Gymnasio e Recreios, acha-se em Montevideu, vendo-se obrigados os artistas a recorrerem ao expediente de darem um concerto para obterem os meios de regressar á patria.

*
* *

A *Jone de Petrella* está fazendo as delicias dos *dilettantis* do theatro Zirzinia no Cairo.

*
* *

Logo depois de terminada a sua escriptura na Scala, a cantora D'Angri renuncia á carreira do theatro, em virtude de desposar o abastado capitalista, Vittorio Salem, de Trieste.

*
* *

O maestro Brizzi terminou uma nova opera a que deu o titulo de *Maria de Vasco*.

*
* *

O novo drama do conde Osmand, que se destina ao theatro de Nice, será interpretado pelas actrizes Somerowski e Meisa e pelos actores Devilliers, Vicini, Carbone e Bettarini.

*
* *

Julietta Lambert, mais conhecida pelo nome da viuva Adam, a eminente redactora da *Nouvelle Revue* de Paris, fará representar em uma *matinée* do theatro das Nações um novo drama seu, intitulado *Galateia*.

*
* *

A genuina *Gran Duqueza de Gerolstein*, a famosa Schneider, volta para o theatro, reaparecendo em uma nova Revista denominada: *Os professores de Pariz*, que subirá á scena no theatro das Novidades.

*
* *

Salvini foi recebido em Nova York com as honras devidas ao seu maravilhoso talento. Uma grande multidão esperava-o ao desembarque, e depois de um sumptuoso banquete offereceram-lhe uma serenata.

*
* *

Verdi partiu para Genova, onde tenciona demorar-se alguns mezes.

*
* *

Em Washington vae ser construido um grande theatro destinado á opera lyrica.

*
* *

Vienna acaba de fundar uma nova eschola coral.

*
* *

No ultimo concerto do palacio de crystal, em Londres, foi executada a symphonia posthuma de Bizet: *Roma*, alcançando um exito colossal.

*
* *

Delibes, o auctor laureado da opera comica, *Jean de Nivelle*, concluiu um novo spartito que deverá ser cantado na Opera Comica de Paris.

*
* *

Verdi pensa em reformar a opera *Simão bocca negra*, que parece que será cantada na Scala.

*
* *

A Patti obteve um enorme successo em um concerto, em Colonia, onde cantou com Nicolini. No mesmo concerto fizeram-se ouvir o pianista Wicawski e o violoncellista Klengel.

*
* *

No oitavo concerto popular Padeloup, em Paris, executou-se o *Harold en Italie*, de Berlioz, que despertou grande enthusiasmo.

*
* *

As receitas de Sarah Bernhardt em Nova York, durante um mez, attingiram a somma de meio milhão!

*
* *

O Theatro francez offerece a cada um dos seus associados, producto liquido dos rendimentos apurados durante um anno, a quantia de 25.000 francos, (4.500 \$000 réis!).

*
* *

Deve realizar-se na segunda feira 17, um sarau dramatico, litterario e musical no salão do theatro da Trindade em beneficio das escolas asylos para rapazes pobres e do collegio de Rio de Mouro.

Alem do concurso de varios litteratos e dos principaes artistas, o notavel actor curioso sr. Pedro Moreira, o industrial e menestrel do **IOB**, apresentará a Scena de imitações em que é eminente *O actor omnibus*.

CARTEIRA DE UM FARCISTA

A UNS OLIOS VERDES

Os olhos da Joanninha de Garrett,
A estes confrontados
Não podiam soffrer comparação;
Aquelles eram ternos, namorados,
E estes, *repolhudos*... orvalhados,
Causavam bem diversa sensação.

Quando a dona os *deitou*, não resisti,
E fiquei boquiaberto;
E logo ali cedendo à tentação,
Fui-me aproximando, e quando perto,
Comprei-os... a pataco, isto foi certo,
Eram de couve... Comi-os com feijão!

A. PITOU.

PRODIGIOS DA NATUREZA

O OLMO DE S. PEDRO

Na margem direita do Aveyron, a 5 kilometros proximamente da sua origem, existe a aldeia de S. Pedro, que consta unicamente da casa do parochio, de uma egreja, completamente nova, de um moinho e de algumas casas disseminadas entre a verdura. Entretanto, esta povoação franceza, (districto de Montauban) recebe numerosos visitantes, que vão extasiar-se perante um olmo colossal, *ulmus campestris* cuja idade conta mais de um seculo.

Este gigante vegetal, plantado a cem passos da margem do rio, mede na parte mais estreita do tronco 7,50 de circumferencia. A uma altura de 2 m, 60, ramifica-se em seis troncos da grossura de 2 a 4 metros, e que ao bipartirem-se deixam um espaço sufficiente para conter seis ou oito pessoas. Os terceiros troncos ou hastes, nascidas a 4 metros acima da base, são mais grossos do que o corpo de um homem.

Para garantir a conservação d'esta grandiosa arvore, que se conserva na melhor disposição, a administração municipal mandou levantar, ha cerca de dez annos, uma especie de muro circumvallecente para o qual se sóbe por uma escada de ladrilhos encarnados.

Sempre no mesmo intuito, a auctoridade do districto manda, em todas as primaveras, aparar os ramos, relativamente pouco copados, mas que fazem no entanto uma circumferencia de 60 metros, servindo de abrigo a uma pequena cruz de ferro, erguida em um pedestal no alto da escada.

Qual será actualmente a idade do olmo?

Os antigos da terra asseguram que o viram sempre com o mesmo tamanho que tem hoje e os pais d'esses velhos affirmavam exactamente a mesma cousa.

Não entra pois em duvida que a arvore do S. Pedro conta muitos seculos de existencia, e que já elevava magestosamente os seus enormes ramos copados quando, a distancia de alguns kilometros do povoado, Luiz XIII abandonou, em 1622, o palacio de Piquecos, onde residia a côrte, para cercar Moutauban, onde não devia entrar, depois de ver cair perante os seus muros o marechal de Villers e o duque de Mayenna.

HYGIENE

RECEITAS

REMEDIO PARA CURAR AS ANGINAS

Se o remedio que vamos indicar aos nossos leitores fôr tão efficaç, como affirma o dr. A., de Bolonha, é seguramente um dos mais faceis e simples. Consiste elle em pequenos bocados de gelo, que a pessoa atacada da garganta deverá derreter na bocca, renovando-os de espaço a espaço.

Assegura o illustre clinico francez que são prodigiosos e rapidos os effeitos d'esta applicação.

REMEDIO PARA CURAR AS INFLAMMAÇÕES DOS OLHOS

1.^a—Espreme-se em agua commum e fria 5 ou 6 gottas de sumo de limão e lava-se os olhos, deixando-os chorar por espaço de alguns minutos e seccando-os depois com uma toalha de linho.

2.^a—Lava se os olhos com chá preto tepido, sem assucar.

Garantimos a excellencia, perfeitamente inoffensiva, d'estas receitas.

CREME PARA PURIFICAR A CUTIS

Parece que a inventora d'esta receita, deliciosa a todos os respeitos, foi Diana de Poitiers, a brilhante favorita, amante de Henrique II, que por tantos annos governou a França com as suas finas mãos *po'elees* e a sua eterna juventude formosissima. Eil-a: as nossas leitoras que a utilisem.

Esmaga-se uma porção de morangãos, colhidos de fresco e afogam-se em leite de vacca mugido.

Lava-se depois a cara e o pescoço com este aromatico creme, todas as noutes ao deitar, ou pelo menos tres vezes por semana.

O resultado é conservar a pelle um viço e um assetinado, que ordinariamente só se adquire á força de *cosmeticos* e de elixires que mais tarde arruinam completamente a cutis.

RECEITA PARA FAZER CRESCER OS CABELLOS

Ferve-se em um pucaro novo uma onça de tutano de boi e uma onça de manteiga de porco, junta-se-lhe uma onça do oleo de avelans. Perfuma-se depois com 20 gottas de essencia de violetas. É uma excellente pomada hygienica de um effeito verdadeiramente milagroso.

EXPEDIENTE

Com o titulo de *Collaboração fluctuante* encetamos uma secção destinada a inserir os artigos que nos forem remettidos e que a redacção julgar dignos de publicidade.

Enviámos o 1.^o numero das RIBALTAS e assim faremos aos que se seguirem a todos os nossos collegas de Lisboa, aos quaes esperamos merecer igual attenção. Agradecemos, a proposito, as phrases benevolas que se dignaram dispensar aos numeros do nosso semanario.

Toda a correspondencia com referencia ás RIBALTAS E GAMBIARRAS, assignaturas, annuncios, etc., deverá ser dirigida, devidamente franqueada, para a Rua dos Fanqueiros, 87.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Cada numero..... 20 réis | Rio de Janeiro—Assignatura
Lisboa Assignatura de 23 nu- | de 23 numeros... 2\$000 réis
meros..... 500 » | Assigna-se em casa dos srs. Sousa Tei-
xeira e Moraes Calabre—95, Rua dos
Rua dos Fanqueiros, 87. | Ourives, 95.

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 16.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA

A ARTE

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E BELLAS ARTES

Adornado de gravuras em madeira e aço
tanto nacionaes como estrangeiras, representando monumentos
historicos, objectos artisticos
e archeologicos, copias de quadros celebres, etc.

EDITOR

ESCRITORIO

DIRECTOR

Christovão X. Rodrigues 145, Rua do Norte, 1.º X. Sousa e Vasconcellos

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA (paga adiantada)

Portugal Trimestre 900 | Semestre 1\$800 | Semestre..... 6\$000
Anno..... 3\$600 | Brazil Anno..... 12\$000

ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1881

POR

D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

À venda em todas as livrarias.—1 volume com 407 paginas

PREÇO 240 RÉIS

A MODA ILLUSTRADA JORNAL DAS FAMILIAS

Contendo os ultimos figurinos das modas de Paris, explicações e desenhos
de bordados, moldes de tamanho natural, trabalhos de agulha,
romances, chronicas, bellas-artistas, enygmas pittorescos, litteratura, annuncios, etc.

É o unico jornal escripto em portuguez
e que dá folha de moldes em todos os numeros

Preço da 1.ª edição (Com grav. color.) 24 numeros, 24 moldes e 24 figurinos coloridos Anno..... 4\$000 Semestre.. 2\$100 Trimestre. 1\$100 Avulso... \$200
Publica-se Nos dias 1 e 15 de cada mez
Director-proprietario, David Corazzi
ADMINISTRAÇÃO
42, Rua da Atalaya, 1.º—Lisboa
EMPRESA HORAS ROMANTICAS
Preço da 2.ª edição (Sem grav. color.) 24 numeros e 24 moldes unicamente Anno..... 3\$000 Semestre.. 1\$500 Trimestre. \$580 Avulso... \$160

EL MUNDO ILLUSTRADO

BIBLIOTHECA DE LAS FAMILIAS

HISTORIAS, VIAGENS, SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA

Um fasciculo de 32 paginas por semana com 64 columnas de texto
muitas gravuras perfeitissimas

BRINDES TODOS OS MEZES

PREÇOS

Trimestre..... 2\$330 Semestre..... 4\$560 Anno..... 9\$120

Recebem-se assignaturas na redacção do Almanach das Senhoras, Rua de S Bento n.º 218.

LIVROS ITALIANOS

BONITAS EDIÇÕES MILANEZAS

ROMANCES E OBRAS CLASSICAS

A 300 RÉIS O VOLUME

LIVRARIA ZEFERINO—RUA DOS FANQUEIROS, 87

Encarrega-se de mandar vir livros e jornaes de qualquer ponto da Italia.

ÀS ELEGANTES

POMADA BRILHANTE DE PINTO

PARA TIRAR O CABELLO DA CARA OU DO CORPO
SEM FAZER MAL À CUTIS

DEPOSITOS

Pharmacia Pinto | Pharmacia Badia
A CRUZ DAS ALMAS | TRAVESSA DA ASSUMÇÃO, 83

N. B. Esta pomada não tira o cabelo para sempre; é preciso usal-a de quinze a quinze dias.

PRESENTES

É bem conhecido o bom gosto dos objectos que expõe o CENTRO COMMERCIAL. Ali se vê o que ha de melhor em Paris, proprio para offerecer á mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. SEMPRE NOVIDADE à BON MARCHÉ. Luvas e regalos.

LISBOA—Rua Aurea, 120 a 122.

PORTO—Praça de Carlos Alberto, 11 e 12.

MESSAGERIES DE LA PRESSE FRANÇAISE

PROPRIETARIO

CESAR DE NORONHA

VENDE AVULSO E ASSIGNA
PARA TODOS OS JORNAES DE PARIS

146, RUA DO OURO, 2.º

Pedro Moreira annuncia
Obra nova e mui barata,
O chic em bijouteria;
A saber: brincos de prata,
Pulseiras e medalhões,
Meios ad'reços, botões,
E mais coisas—tudo inglez,
De cruzado a seis mil reis.
A loja já vós sabeis...
RUA AUREA, 103.